

Parques florestais serão valorizados

A idéia é do Fundo Mundial para a Natureza que, ao constatar que a valorização dos parques não sai do papel, resolveu fazer campanha para preservá-los

Mariângela Herédia
Agência Estado

BRASÍLIA - O Fundo Mundial para a Natureza (WWF) está em campanha pela valorização dos parques brasileiros, depois de constatar que mais da metade deles nunca saiu do papel, existindo apenas nos decretos governamentais que os criaram. Essa conclusão está no estudo "Áreas protegidas no Brasil: uma análise preliminar da situação dos parques e outras áreas de proteção integral", que avaliou os 88 parques e reservas federais existentes no País até abril.

O estudo apurou que, do total de parques brasileiros, 53,4%, ou 47 unidades de proteção integral, apresentaram problemas. Os mais comuns são os de que ainda não tem as terras completamente regularizadas, demarcadas, equipamentos ou funcionários em número suficiente para fiscalizar e administrar a área. Além disso, revela o estudo do WWF, esses parques não são divulgados, visitados, não servem à pesquisa científica e sequer possuem um planejamento para que isso aconteça.

Na avaliação dos pesquisadores da entidade, a pior consequência dos "parques de papel" brasileiros é que o País não está conservando nem o ínfimo 1,8% expresso pelos dados oficiais. A campanha "Vamos tirar os parques do papel" do WWF será intensificada a partir de agosto, quando a entidade pretende trabalhar junto ao Congresso Nacional para a aprovação do novo Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), legislação que regula os parques e áreas protegidas. O WWF fará também gestões junto ao governo, para que invista na efetiva implementação dos parques, destinando recursos e capacitando o Ibama, órgão responsável pela gestão dos parques brasileiros.

Entidade recorre a empresários

BRASÍLIA - Além das ações junto ao Congresso e ao governo, o WWF pretende levar a campanha "Vamos tirar os parques do papel" ao setor empresarial. A proposta em discussão é estabelecer parcerias com o poder público que assegure a implementação dos parques. O Fundo Mundial para Natureza também espera a adesão da sociedade na valorização de áreas protegidas, participando da sua criação, implementação e conservação.

Para o WWF, a precariedade dos parques brasileiros atrapalha seu uso educativo, científico e turístico. Só para se ter uma idéia, enquanto o parque mais visitado nos Estados Unidos, o Great Smoky Mountains, recebeu, em 1996, 9,2 milhões de pessoas, o Parque Nacional do Iguaçu, o mais visitado no Brasil, recebeu em 1995 apenas 878 mil turistas.

As 88 unidades analisadas pelo WWF cobrem quase 16 milhões de hectares, mas dispõem de apenas 583 funcionários, o que dá uma média de 0,00003 funcionário por hectare. Além de poucos, os funcionários estão mal distribuídos, segundo o estudo. Há parques como o Jati, na Amazônia, que tem o tamanho de Sergipe, mas conta apenas com cinco funcionários, enquanto o Parque Nacional de Brasília, que é 75 vezes menos, tem cerca de 60 funcionários.

Além de um papel educacional, ressalta o WWF, as unidades de conservação fornecem ainda outros serviços, como a proteção de mananciais. O Parque Nacional de Brasília protege a represa que abastece metade da capital do País, por exemplo.

A primeira área protegida no mundo, o Parque Nacional de

Yellowstone, foi criado em 1872 nos Estados Unidos.

Originalmente, as áreas protegidas tinham o objetivo de manter intactas para as gerações futuras as mais belas paisagens. Com o passar do tempo, percebeu-se que não há mais no mundo "paisagens intactas" e que não apenas as "belas paisagens" mereciam ser conservadas, pois áreas talvez não tão bonitas, como por exemplo os mangues, exercem funções fundamentais na manutenção dos ecossistemas e do equilíbrio ecológico.

Atualmente, as áreas protegidas ou unidades de conservação, como são chamadas no Brasil, são espaços destinados à conservação de parcelas da biodiversidade presente numa região. De acordo com o WWF, o Brasil protege desigualmente seus biomas. A maior extensão protegida está na Região Norte, com 3,51%, e os pesquisadores argumentam que não é difícil entender porque na Amazônia, onde ainda há muitos ecossistemas conservados e uma menor pressão de ocupação humana, é mais fácil criar áreas protegidas abrangendo várias extensões.

O quadro é diferente na costa brasileira, por exemplo, onde há poucos remanescentes de Mata Atlântica e muita pressão antrópica.

E também no Cerrado e na Caatinga, onde a proteção atinge apenas 0,37% e 0,57% da área total, respectivamente. O WWF considera fundamental o estabelecimento de novas áreas protegidas que possam abranger porções mais significativas dos ecossistemas brasileiros, principalmente nos biomas esquecidos como o cerrado e a caatinga.

A CÍRCA
05107198 CI
FOR. 11/77